

Em tempos de digitalização da comunicação, a resistência das Rádios Comunitárias na Baixada Fluminense¹

Sandra Sueli Garcia de Sousa²
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Resumo

As rádios comunitárias são emissoras locais direcionadas a transmitir informações relevantes para seu público. Em geral, é com essas rádios que as pessoas contam para saber notícias de suas regiões, uma vez que nem sempre existe uma mídia local que dê conta da cobertura jornalística de maneira tão próxima. As rádios comunitárias suprem essa necessidade. Este artigo procura entender como as rádios estão articulando o funcionamento em FM com a digitalização da comunicação. Para tanto, realizamos uma pesquisa exploratória com entrevistas em três emissoras da Baixada Fluminense (Serra Verde FM, Mirandela e Paracambi). No aporte teórico, nos valem principalmente da contribuição de Peruzzo e Volpato (2010) e Malerba (2017). Em conclusão, percebe-se que as emissoras estão em sintonia com o momento tecnológico fazendo uso complementar da tecnologia, como forma de ter mais público e alcance.

Palavras-chave

Rádio comunitária; Rádio Local; Digitalização

O consumo de áudio – do analógico ao digital

É fato que a digitalização na comunicação alcança os meios em quase sua totalidade. Acompanhamos os impressos reestruturando sua forma de existir, alguns poucos resistindo no formato, outros adequando-se ao momento; empresas televisivas aprimoram suas produções para o *streaming*³ e rádios desenvolvem conteúdo para as plataformas digitais mesclando-os com a transmissão tradicional, ainda muito necessária, visto que há locais sem acesso à rede mundial de computadores, afora o custo para conseguir manter uma conexão viável.

Especificamente, em relação ao consumo de áudio, dados do estudo Inside Audio 2024, da Kantar Ibope⁴ indicam que nove em cada 10 brasileiros consomem áudio de

¹Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação e Semiótica, professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: sandragarc@ufrj.br

³ É a transmissão de conteúdos em multimídia por meio da internet, sem precisar baixá-los.

⁴ Disponível em: <https://kantariopemedia.com/conteudo/91-dos-brasileiros-consomem-algum-conteudo-de-audio-no-dia-a-dia/>. Acesso em 01 jun 2025.

alguma forma em seu cotidiano, seja por meio do rádio tradicional, de *podcasts* ou plataformas de *streaming*.

O rádio se consolida como o principal meio de áudio no Brasil, alcançando 79% da população. Os brasileiros dedicam, em média, 3h55min por dia ouvindo rádio, e a mídia demonstra forte apelo local, com 69% gostando do meio pois ele traz informações sobre suas cidades. Além disso, sua agilidade é reconhecida por 77% dos espectadores, que o consideram uma fonte rápida, e 58% dos ouvintes confiando no rádio para se manterem informados (Inside Audio, 2024).

Segundo o estudo, a audição dos programas é tanto analógica quanto digital, porém em alguns momentos, o consumo digital ultrapassa o tradicional, revelando uma mudança na forma de consumir áudio. Neste cenário, é mister observar como as rádios comunitárias têm se comportado para não perder audiência e continuar suprimindo uma parcela da população que precisa estar informada sobre os acontecimentos locais.

Dito isso, se as emissoras, até alguns anos funcionavam estritamente em Frequência Modulada, em uma realidade que ter um aparelho de rádio para escutar os programas preferidos era natural, como as comunitárias estão fazendo agora? Este artigo apresenta três realidades de emissoras situadas na Baixada Fluminense para entender seu funcionamento e relação com os lugares onde se encontram. A partir de um estudo exploratório com uso de entrevistas em profundidade, procuramos saber como as emissoras estão lidando com o fenômeno da digitalização e como estão inseridas em suas localidades.

As rádios comunitárias – embates e desafios de sobrevivência

É a partir do movimento de rádios livres situado na década de 1980, que as rádios comunitárias começam a se firmar no Brasil. Se as rádios livres trouxeram o desejo e a prática da liberdade de expressão, no período de redemocratização do país, as rádios comunitárias passaram a vislumbrar a prática coletiva de se fazer rádio.

Mais tarde, movimentos sociais e comunidades enxergaram na radiodifusão uma forma de ampliar sua comunicação e ousaram colocar emissoras no ar, mesmo sem respaldo legal, razão pela qual também iniciam sua história como uma espécie de rádios livres. A diferença entre rádios livres e rádios livres comunitárias é que estas últimas estiveram e estão vinculadas às comunidades e a serviço delas (Peruzzo e Volpato, 2010, p. 39).

João Paulo Malerba, por sua vez, estabelece três vertentes do movimento de rádios comunitárias: vertente eclesiástica, livre e a comunitária (2017). A fase eclesiástica está relacionada com a ala progressista da Igreja Católica.

Podemos afirmar que, pelo menos até a década de 1990, a maioria das experiências radiofônicas cidadãs de caráter de base foi protagonizada por movimentos sociais ou comunitários que contaram com o apoio e/ou influência da Igreja Católica. Devemos atribuir tal atuação ao ânimo político de suas parcelas progressistas, e também à expertise acumulada com as radioescolas, às CEBs e ao seu caráter-rede (Malerba, 2017, p. 12).

Na fase livre, o autor identifica um movimento mais libertário, com rádios surgindo espontaneamente em várias regiões do Brasil, num tom contestatário, muitas vezes ou simplesmente como uma experiência de estudantes de eletrônica – caso da primeira rádio livre que se tem notícia: a rádio Paranóica.

O capixaba Eduardo Luiz Ferreira Silva, na época um adolescente de 16 anos aficionado por eletrônica, instala no banheiro do bar do pai a Rádio Paranoica. Dos 15 watts iniciais, ele e o irmão turbinam para 300, atingindo toda Vitória (ES). Mas o experimento durou seis dias e acabou de forma violenta: os policiais quebraram o bar todo e prenderam clientes, Eduardo, seu pai, além de apreenderem os equipamentos, “livros, cartazes e rasgarem os colchões procurando alguma coisa” (NUNES, 1995, p. 65). Era plena ditadura, governo Médici: Eduardo ficou preso um dia e o pai, três, enquanto vasculhavam sua vida buscando ligações políticas. Em 1994, quando pediu vistas ao processo, descobriu que alegaram “que a rádio era uma armação dos comunistas para desestabilizar o regime” (Malerba, 2017, p. 13)

As rádios livres cresceram bastante entre as décadas de 1980 e 90. Aos poucos, foram criando associações e coletivos para se organizarem, mas algumas não quiseram fazer parte por uma atitude política de rejeição a vínculos associativos, caso das rádios livres anarquistas.

Por fim, na vertente comunitária, o autor localiza a contribuição da Associação Mundial de Rádios Comunitárias (AMARC) na organização e definição de parâmetros para as atividades das emissoras. De acordo com ele, coube a AMARC reunir diferentes vozes:

(...) entre entidades (rádios comunitárias e livres, centros de produção, organizações não governamentais, rádios universitárias e públicas etc.) e pessoas (ativistas, pesquisadores etc.), ainda que somente as entidades tenham direito a voz e voto, enquanto os associados individuais têm direito somente a voz (Malerba, 2007, p. 17).

Nesta fase, as rádios comunitárias brasileiras conseguem sua regulamentação por meio da Lei 9.612/98, a partir de uma pressão muito grande de várias organizações da sociedade civil. Depois de muitos anos, a lei precisa de várias revisões, pois no geral ela deixa a atuação das rádios muito restrita. Por exemplo, as transmissões devem ser em baixa potência, com cobertura limitada de 25 watts, o que significa um quilômetro a partir da antena transmissora. Além disso, são proibidas de formar redes e veicular publicidade, apenas o apoio cultural é permitido, o que inviabiliza uma sustentação financeira regular⁵.

A Baixada Fluminense

A Baixada Fluminense é formada por 13 municípios no Rio de Janeiro: Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica. A região possui pouco mais de três milhões e meio de habitantes, segundo dados do último Censo (2022). A identidade territorial da Baixada tem relação com “a configuração fisiográfica da região. Uma área plana, rebaixada em relação ao nível do mar ou quando comparada com seu entorno, atravessada por rios e canais meandrados e com extensas planícies de inundação” (Britto, et al, 2019, s. p.). Além disso, uma área que não pode ser definida como uma unidade, pois cada cidade é marcada por situações próprias.

Um voo sobre a Baixada Fluminense nos dias de hoje, no início do século XXI, deixa claro a complexidade das configurações sociais, espaciais e políticas deste território, eliminando qualquer tentativa de criar rótulos simplistas acerca das características da região. A diversidade de paisagens e as desigualdades sócio-espaciais são características marcantes entre os municípios que a compõe e também no interior desses (Simões, 2007, p. 196).

A região possui problemas de segurança e luta por melhor qualidade de vida, levando os municípios a constantes cobranças por mais reconhecimento e investimentos em áreas como segurança, saúde e educação. Além disso, há na Baixada muitas atividades culturais e organizações sociais atuando em prol de uma vivência cidadã. Nesse ínterim, temos a presença das rádios comunitárias que trazem a comunicação local, voltada para as questões cotidianas dos moradores das cidades.

⁵ O projeto de lei 666, de 2019, de autoria do senador Weverton Rocha (PDT/MA), determina o uso de publicidade nas programações das rádios comunitárias. A partir do projeto, as emissoras poderão ter patrocínio em forma de publicidade institucional pública ou privada, de interesse cultural, social ou da publicidade de atos da administração pública, num tempo máximo de 10% da programação diária. O projeto está nas mãos da relatoria desde fevereiro do corrente ano. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/135185>. Acesso em: 01 jun 2025.

Sem dúvida, a grande força das rádios comunitárias está no exercício da comunicação local, pois é a partir de assuntos de interesse da localidade que as emissoras atraem os ouvintes. Trata-se de um dos princípios básicos do rádio, a noção de pertencimento - ouvir sobre seus lugares, ter um lugar próximo para falar sobre questões diversas e principalmente, saber que esse lugar está na sua região e consegue trabalhar notícias que podem influenciar no seu cotidiano.

Ao rádio local não restou melhor alternativa que estreitar os laços com as comunidades em que está inserido, acentuando o trabalho jornalístico realizado nesses lugares, retratando prioritariamente as temáticas de seu entorno, pois é isso que, de fato, justifica sua existência, confere-lhe identidade e fortalece sua presença nas localidades (Comassetto, 2005, p. 06).

De acordo com o site do Ministério da Comunicações⁶, a Baixada Fluminense conta com 15 emissoras comunitárias autorizadas a funcionar, seja com licença definitiva, provisória ou por decreto. Essas emissoras estão concentradas nos seguintes municípios: Duque de Caxias (cinco rádios); Guapimirim (uma); Itaguaí (uma); Nilópolis (uma); Nova Iguaçu (uma); Paracambi (duas); Queimados (uma); São João do Meriti (duas) e Seropédica (uma).

A partir do olhar para o rádio local, mostramos a experiência de três emissoras na região da Baixada Fluminense que demonstram a intensa interação com seus ouvintes, seja por meio da transmissão em Frequência Modulada ou por plataformas digitais e redes sociais. São elas: a Rádio Serra Verde FM, localizada em Xerém, Duque de Caxias; a Rádio Paracambi FM, de Paracambi e a Rádio Mirandela FM, de Nilópolis⁷.

Rádio Serra Verde - 98,7 FM

A Rádio Serra Verde FM funciona em Xerém, distrito de Duque de Caxias. A emissora funciona desde maio de 2003 e cobre a região de Xerém e municípios vizinhos. Funciona na área rural da região e além da cobertura em Frequência Modulada, também possui site na internet e sistema de alto-falantes nas ruas e praças de Mantiqueira e Xerém.

O início da emissora está ligado à emissão por meio de alto-falantes na região, as rádios poste. O idealizador foi o técnico em eletrônica Reinaldo dos Santos que em

⁶ Disponível em: <https://11nq.com/TidNG>. Acesso em 05 jun 2025.

⁷ O levantamento dessas emissoras faz parte do projeto de pesquisa “Rádios comunitárias na Baixada Fluminense: a resistência da comunicação local” que objetiva mapear as emissoras da região e demonstrar como funcionam e se mantêm ativas.

2003 reativou o sistema que estava parado e colocou em prática um projeto para trabalhar com o meio ambiente. Posteriormente, a equipe começou a organizar a migração da rádio poste para uma rádio comunitária, conseguindo a licença provisória em 2010 e a definitiva, em 2016.

A programação da rádio envolve espaço para programação musical com ênfase em MPB, programas religiosos e notícias regionais e nacionais. A Rádio Serra Verde FM possui conta no Instagram⁸ com 11,6 mil seguidores; no Facebook⁹ com 13 mil seguidores, tem o próprio site¹⁰ e aplicativo e transmite também pelo sistema de alto-falantes. Por meio dessas redes, além do whatsapp e do telefone convencional, os ouvintes interagem com a emissora.

Um dos momentos mais marcantes da história da rádio foi durante as enchentes na região em 2011, conforme conta Reinaldo Santos¹¹:

A importância da rádio foi o seguinte: no dia que aconteceu a enchente, estava chovendo desde o dia anterior. A gravidade da enchente foi de madrugada. As informações começaram a chegar por volta das 4, 5 da manhã. Eu fiquei a noite toda acordado esse dia com a rádio, porém sem informe. Para você ter ideia, nenhuma rádio ou televisão estava falando nada sobre o ocorrido. A primeira emissora parece que noticiou depois da gente foi a rádio Tupi, uma rádio comercial. A gente recebeu, inclusive, ligação de emissora comercial. Eu me lembro que entrei ao vivo na Rádio Relógio, passando as informações de Xerém, porque a rádio se tornou uma referência. Posteriormente informou sobre pontos de apoio para os desabrigados. Depois, a Defensoria Pública com a retirada de documento; campanha de vacinação...Tudo isso era divulgado através da rádio. Um ano antes, a gente tinha feito uma campanha da Defesa Civil sobre as chuvas fortes. Com isso, nós ganhamos um certificado da Defesa Civil Nacional. A gente sempre procura ficar interagindo com órgãos de comunicação, principalmente com a Defesa Civil, porque sabemos que Xerém é um vale no meio de várias montanhas (Conceição, 2020).

Rádio Mirandela – 98,7 FM

A emissora existe desde 1994, mas possuía outro nome: Aparecida FM. De 1997 até 2007 a rádio permaneceu fechada e parada, decisão tomada por não terem conseguido a autorização legal para funcionar. O processo foi retomado em 2006 e em 2007, a concessão foi liberada. Com a regulamentação, foi preciso utilizar um novo nome e a partir de 2007, a antiga rádio Aparecida FM se torna a rádio comunitária Mirandela FM.

⁸ Disponível em: conta Instagram - @serraverdefmxerem. Acesso em 21 jun 2025.

⁹ Disponível em: conta Facebook - Rádio Serra Verde FM Xerém. Acesso em 21 jun 2025.

¹⁰ Disponível em: <https://serraverde.fm.br/> Acesso em 21 jun 2025.

¹¹ Entrevista cedida a Eduardo Conceição para sua pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso.

A Mirandela está localizada em Nilópolis e funciona no interior de uma igreja católica, a paróquia de Nossa Senhora de Aparecida. A rádio foi idealizada por um religioso da igreja e contou com a ajuda de Fabiano Maranhão, que começou como voluntário no início das transmissões. Atualmente, é coordenador contratado da emissora. Segundo Fabiano, a paróquia atua como apoiadora do trabalho da emissora, uma vez que as rádios comunitárias não podem ter ligação com qualquer tipo de religião ou grupo político.

Hoje, a rádio sobrevive parcialmente por meio de apoios culturais. Depois de diálogos entre a diretoria e o posicionamento da igreja de querer ajudar foi decidido que o frei Walter Ferreira ajudaria nos custos da rádio: compraram a casa, adaptaram para o estúdio e funcionam com a colaboração dos próprios voluntários e pessoas da equipe que cedem e ajudam com equipamentos, computadores e outros materiais (Sousa e Mendonça, 2020, p. 17).

Nas contas em redes sociais, a rádio possui 635 seguidores no Instagram¹². No Facebook¹³, 5,5 mil seguidores (radio Mirandela FM 98,5). Também possui site¹⁴ e app próprios.

Rádio Paracambi FM - 98,7 FM

No ar desde 2008, a Rádio Paracambi FM é o único veículo de comunicação comunitária presente no município. A rádio cobre a região de Paracambi e municípios vizinhos. A regulamentação da rádio só aconteceu em 2016, oito anos após o início do trâmite legal. Além da cobertura em Frequência Modulada, a Rádio Paracambi também transmite digitalmente e por meio de um sistema de alto-falantes, instalados em pontos estratégicos da cidade.

A Paracambi funciona dentro de um clube na cidade. Ali tem duas salas, uma funcionando como estúdio e outra como sala de edição. Rudson Santana é o idealizador da emissora e atual diretor. De acordo com ele, o processo de regulamentação é difícil e muito lento. “Eles fazem de tudo para você continuar na ilegalidade. É uma burocracia sem fim”, conta¹⁵.

¹² Disponível em: conta Instagram - @radiomirandelafm. Acesso em 21 jun 2025.

¹³ Disponível em: conta Facebook - Rádio Mirandela FM 98,7. Acesso em 21 jun 2025.

¹⁴ Disponível em: <https://www.radiomirandelafm.com.br>. Acesso em 21 jun 2025.

¹⁵ As informações a seguir fazem parte do relatório de Iniciação Científica da aluna Laura Berg, sob minha orientação para a pesquisa sobre rádios comunitárias na Baixada Fluminense.

A rádio depende da propaganda de comércios locais para o seu funcionamento. Rudson afirma que os recursos que entram ajudam a rádio a sobreviver, “não dá para realizar a manutenção adequada dos equipamentos”, diz.

Atualmente, a emissora possui um site e um aplicativo de celular, perfis no Facebook¹⁶ com 3,6 mil seguidores e no Instagram¹⁷ com 1.318 seguidores e também um canal de comunicação no WhatsApp. Essa é a forma de aproximar o ouvinte e facilitar sua participação na produção diária da rádio. Rudson conta que a emissora mede a audiência dos programas por meio das interações online. A Rádio Paracambi funciona 24h por dia, com uma programação diária e bem eclética.

A emissora transmite informações diversas aos moradores da região: quadros interativos e musicais, entrevistas e boletins noticiosos fazem parte da programação da rádio. Atualmente, a emissora conta com uma equipe de oito locutores, que se revezam na apuração, gravação e edição dos materiais. Aos domingos, na parte da noite, há um resumo de tudo o que aconteceu de importante durante a semana. Terça e quinta, a rádio faz transmissão da sessão ordinária da Câmara Municipal de Paracambi. “Tudo o que é falado na Câmara, é falado também na rádio. Sem edição, sem corte”, diz Rudson. Outro programa muito importante na grade é o “Jornal Virou Notícia”. Todos os dias, às 10h da manhã, os moradores participam do programa, enviando relatos e possíveis demandas. Rudson Santana conta que muitas pessoas entram em contato com a equipe, buscando a solução para problemas. “Na realidade, a prefeitura tem ouvidoria. Só que a ouvidoria da população é a rádio. A pessoa reclama aqui, faz aqui. A ouvidoria é aqui. A gente recebe várias denúncias. Chega do transporte até a saúde”, conta.

Considerações Finais

As rádios comunitárias seguem comprovando sua importância e necessidade nas localidades onde atuam. São essas emissoras que estão em relação com as comunidades, levando informações e orientando as pessoas sobre os vários problemas das cidades. Elas também divulgam serviços, agendas culturais e cobram autoridades sobre os problemas rotineiros dos lugares.

Graças a esse tipo de atuação, muitas localidades não vivem o deserto de notícias, locais que não possuem veículos de comunicação. Numa realidade em que a

¹⁶ Disponível em: conta Facebook - Rádio Comunitária de Paracambi. Acesso em 21 jun 2025.

¹⁷ Disponível em: conta Instagram - @rcpfm98.7. Acesso em 21 jun 2025.

mídia não chega às cidades periféricas, a menos que seja para noticiar crimes, as rádios continuam sendo veículos de resistência.

Para ter mais cobertura, as emissoras também se valem das novas tecnologias, por isso, além de estarem no rádio tradicional, também estão no celular, no computador e nas redes sociais, dessa forma conseguem um alcance maior e diversificam o público. Mas é importante frisar, que estar em Frequência Modulada é o principal, pois é nesse aparato que as rádios são mais ouvidas, segundo os dirigentes das emissoras aqui apresentadas. Portanto, a digitalização nas rádios comunitárias serve como um complemento para o tipo de atuação realizada.

Referências

BRITTO, Ana Lucia, PEREIRA, Margareth da Silva, QUINTSLR, Suyá. **Baixada Fluminense: dinâmicas fluviais e sociais na constituição de um território**. Disponível: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/4BjpRZq6jqWg5JYhnwB5V6d/>. Acesso em 01 jun 2025.

COMASSETTO, Leandro Ramires. **O rádio local na era das redes**. Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/21603087055150134267477352316300045702.pdf>. Acesso em 31 mai 2025.

CONCEIÇÃO, Eduardo de Oliveira Silva. **Comunicação como instrumento de cidadania: um estudo de caso da Rádio Serra Verde FM**. Trabalho de Conclusão de Curso, curso de Jornalismo, UFRRJ, nov 2020.

MALERBA, João Paulo. **Por uma genealogia das rádios comunitárias brasileiras**. Rádio nas bordas – Cartografias da radiodifusão comunitária, livre e alternativa, Revista LOGOS 46-8. Vol.24, Nº 01, jan-abr 2017.

PERUZZO, C. M. K. e VOLPATO, M. O. **Rádio Comunitária e Liberdade de Expressão no Brasil**. “Chasqui – Revista Latinoamericana de Comunicación”, CIESPAL, edição 109, mar 2010. Disponível em: <https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/163/174>. Acesso em 14 jun 2025.

SIMÕES, Manoel Ricardo. **A Cidade Estilhaçada - Reestruturação Econômica e Emancipações Municipais na Baixada Fluminense**. Editora Entorno, RJ, 2007.

SOUSA, S. S. G. e MENDONÇA, N. S. **Rádios Comunitárias na Baixada Fluminense:** comunicação local em movimento. In: Revista de Comunicação Dialógica, e-publicações, UERJ, n. 04, 2020.